

Poluição é problema nas ilhas do Boi e do Frade

Fotos de Nestor Muller

As ilhas do Boi e do Frade, locais aprazíveis e acessíveis para moradia apenas para as classes média e alta, também têm seus problemas. Na ilha do Boi, é impossível conversar com um morador sem se ouvir uma referência à poluição pelo pó de minério que para lá é levado pelo vento do Porto de Tubarão. Terrenos baldios geram outra reclamação, porque servem para proliferação de ratos e esconderijo de marginais. Na Ilha do

Frade a situação é um pouco melhor. Ali situa-se uma das praias menos poluídas da cidade: a Praia das Castanheiras. Há tranquilidade e muito verde, sendo que várias árvores foram plantadas pelos próprios moradores. O policiamento é bom e a segurança é reforçada por uma guarita instalada na única pista de acesso à ilha. Mas há também o problema da poluição atmosférica e os terrenos baldios servem para proliferação de ratos e insetos.

Quando se fala em ilha, pensa-se logo num local tranquilo, cheio de coqueiros e belas praias. A Ilha do Frade, ao norte de Vitória, não tem coqueiros exóticos e muito menos grandes praias — uma das poucas que existem é a da Castanheira — mas no local é possível encontrar tranquilidade e muito verde. A maioria das árvores existentes foi plantada pelos moradores. Eles não admitem grandes problemas. Apenas dois: terrenos baldios e poluição. O policiamento na ilha é constante, com viaturas percorrendo as ruas e ainda dois policiais de prontidão 24 horas por dia na guarita, que fica na entrada do bairro. Roubo é coisa do passado. As ruas são calçadas e para melhorar a limpeza do lugar, a Associação de Moradores conta com empregados próprios. “É maravilhoso viver aqui”, assegura o morador Jorge Amatuzo.

Atualmente moram na Ilha do Frade cerca de 60 famílias. Segun-

do o morador Vítor Padilha, os terrenos baldios são um dos problemas do lugar. “A Prefeitura de Vitória apenas se limita a recolher o lixo; deveria obrigar os proprietários dos lotes a fazerem a limpeza, para evitar problemas”, disse, acrescentando: “Já que cobra o IPTU tão alto, a administração municipal deveria também fazer a capina das ruas”. Ele, por exemplo, teve que pagar Cr\$ 5 milhões só de IPTU. Outro imposto que vem pesando no bolso dos moradores é o cobrado pelo Departamento de Patrimônio da União, pois a ilha é considerada de marinha. Tem morador que chega a pagar Cr\$ 7 milhões.

A poluição de Tubarão é o problema mais sério enfrentado pelos moradores, apesar do pó de minério ter diminuído bastante de uns anos para cá, segundo Margarida Capezuto. “Mas se deixar a janela aberta entra poeira”, disse. “Antigamente era pior, pois os móveis ficavam cheios de pó”.

Vento leva poeira de Tubarão

A poluição de pó de minério das companhias siderúrgicas de Tubarão (CST) e da Vale do Rio Doce (CVRD) é o principal problema da Ilha do Boi. O vento Nordeste leva a poeira das chaminés das empresas para a região, infernizando a vida dos moradores. A utilização de um antigo acesso de entrada ao bairro, próximo ao mar, através da Rua Marília Scarton Coutinho, é outra reivindicação. Sem contar a situação de

frequentadores das praias da Ilha do Boi.

Prédio

O diretor financeiro da Associação, Cony Dantas, residente há 12 anos no bairro, contou que a Rua Marília Scarton Coutinho foi cedida, sem os moradores serem consultados, à Ceterpo, para servir como canteiro de obras da Terceira Ponte e até hoje não foi devolvida para os moradores. Aliás, este é um dos



Apesar de sua localização e beleza natural, as ilhas do Boi e do Frade enfrentam problemas próprios de periferia, o que gera reclamações

Benedictinos mudaram nome da região

Durante muito tempo, a Ilha do Frade foi conhecida como Ilha Valentim Soares, nome do seu antigo proprietário, que a recebeu de presente do donatário Vasco Fernandes Coutinho. Somente em 1594, segundo registro histórico, com a passagem dos padres beneditinos pelo Estado, é que o local ficou conhecido como Ilha do Frade.

E foi numa ruína lá existente, construída provavelmente pelos jesuítas, que a moradora mais antiga no bairro, Nídia Schultz Braun, 57 anos, encontrou uma moeda de prata que guarda até hoje. Ela chegou à ilha 30 anos atrás, junto com o marido, para tomar conta do local para o então proprietário, José Moraes.

No início, viver na ilha era um sacrifício, pois não existia água e a energia era a gás. Segundo Ni-



Dona Nídia: moeda de prata

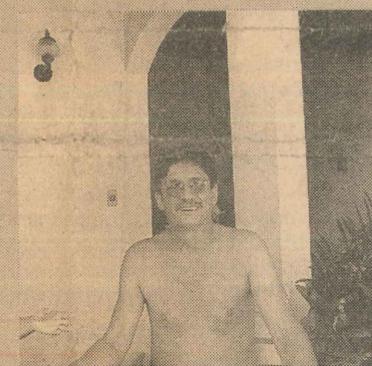
dia, havia um motor que gerava energia, mas que queimou depois de dois meses de uso.

Ela lembrou que a ponte que liga à ilha de Vitória é de bem pouco tempo. “Para atravessar para o outro lado só de barco e era perigoso, devido às ondas”, disse. “Uma tarde, meu marido foi levar os engenheiros para o loteamento, quando uma onda forte fez virar o barco. Todos escaparam, mas foi um susto”.

Para estudar, seus cinco filhos tinham também de fazer a travessia diariamente. “Quando o mar estava bravo eles não iam para a escola, mas a professora entendia o problema e todos passavam de ano”. Segundo ela, quem passasse pela ilha 30 anos atrás poderia encontrar pacas, cotias, perdizes e até veado.

Moradores evitam descaracterização

Os moradores da Ilha do Boi lutam para preservar o bairro com suas características residenciais, isolado da agitação de casas comerciais e do barulho do trânsito, bares e show de música ao vivo. “Não queremos que a Ilha se transforme numa Praia do Canto”, afirma a presidenta da Associação de Moradores, Heloisa Arantes. O bairro não tem uma padaria e nem uma banca para se comprar o jornal, tudo isso precisa ser trazido de fora. Aliás, este é um dos



lembra, ao dizer que o Hotel Senac — com 78 apartamentos e quatro suítes, inaugurado em 1979 — e o Clube Italo, não estavam prontos.

Maurício Corvino afirma que era frequentemente um grupo de homens visitar o bairro para jogar futebol a bordo de um caminhão. “Havia muito mato”, recorda-se. A entrada do bairro era feita sobre o quebra-mar, construído para conter o aterro da Enseada do Suá. “Era a única

Seama pretende reduzir índices

A Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama) informa que os índices encontrados de poeira total em suspensão no ar, nas ilhas do Frade e do Boi, estão abaixo do padrão determinado por lei de qualidade de ar. Segundo o coordenador de Controle Ambiental da Seama, Luiz Cláudio Santolin, desde 1987 há medidores de poluição instalados na Ilha do Boi. Em 1988, quando a Seama foi criada, foi encontrada uma poluição acima do permitido, entre 90 e 95 microgramas de poeira por metro cúbico de ar. Hoje, como garantiu, os níveis estão em 61, abaixo do padrão determinado, que é de 80.

A tendência, acredita o coordenador de Controle Ambiental da Seama, é reduzir ainda mais esses índices. “Desde 1988 estamos fazendo um trabalho junto à CST e à CVRD para reduzir os índices de poluição”, disse. Na Companhia Vale do Rio Doce as pilhas de carvão, minério e pelotas são, simultaneamente, molhadas, para evitar o levantamento de poeira.

Ele explicou que na sexta-feira última “a CVRD inaugurou, inclusive, dois precipitadores eletrostáticos, filtros com altíssima eficiência nas chaminés”. Sem estes filtros o nível estava a 2.000 miligramas de poeira por normal de metro cúbico de gases lançados no ar. “Com a instalação este número reduzirá entre 50 a 100 miligramas de poei-

A poluição de pó de minério das companhias siderúrgicas de Tubarão (CST) e da Vale do Rio Doce (CVRD) é o principal problema da Ilha do Boi. O vento Nordeste leva a poeira das chaminés das empresas para a região, infertilizando a vida dos moradores. A utilização de um antigo acesso de entrada ao bairro, próximo ao mar, através da Rua Marília Scarton Coutinho, é outra reivindicação. Sem contar a situação de abandono em que se encontram os terrenos baldios existentes na ilha, onde proliferam ratos, baratas e o mato alto acaba servindo de esconderijo para os marginais.

A Associação de Moradores e Proprietários da Ilha do Boi, através de sua presidenta, Heloísa Arantes, está mobilizada para resolver o mais rápido possível a questão do único acesso existente hoje no bairro. Os moradores temem congestionamentos de veículos naquela via após a inauguração do Shopping Vitória, prevista para o mês de junho, tendo em vista o já grande fluxo de trânsito proveniente da Curva da Jurema e dos

PMV notifica donos de lotes

O diretor do Departamento de Limpeza Pública da Prefeitura Municipal de Vitória, Ricardo Alves Barroso, informou ontem que os proprietários dos terrenos baldios situados nas ilhas do Frade e do Boi já foram notificados para executarem as limpezas de seus terrenos. Esta medida, segundo disse, foi adotada para todo o município, entretanto a ação não surtiu efeito para alguns casos. Por isto estamos reavaliando os casos e vamos novamente notificar os proprietários.

Ricardo Alves Barroso explicou ainda que a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semurb) vem adotando as medidas que a lei prevê: depois da quarta multa, se o proprietário do terreno não tomar medidas no sentido de fazer a limpeza da área, a própria secretaria faz o serviço e debita na conta do proprietário.

Ele fez questão de sublinhar que a responsabilidade pela limpeza de terrenos particulares é dos donos e não da Prefeitura, que apenas faz a fiscalização e notifica aqueles que estão irregulares. Ele disse, no entanto, que este é um problema que atinge praticamente todos os bairros de Vitória, mas que a Prefeitura está tomando medidas para que ele seja solucionado.

Ele não soube informar, no momento, quantos terrenos nas ilhas do Frade e do Boi estão nesta situação, e nem o valor da multa, que é calculada pela UFMV (Unidade Fiscal do Município de Vitória).

frequente das praias da Ilha do Boi.

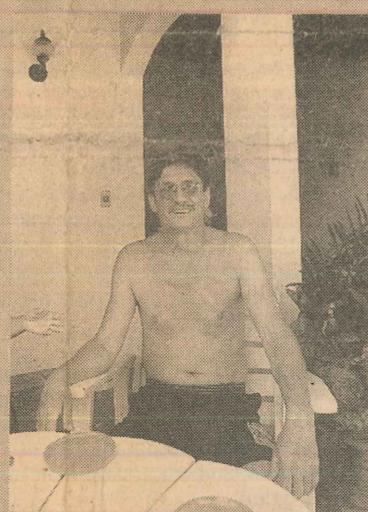
Prédio

O diretor financeiro da Associação, Cony Dantas, residente há 12 anos no bairro, contou que a Rua Marília Scarton Coutinho foi cedida, sem os moradores serem consultados, à Ceterpo, para servir como canteiro de obras da Terceira Ponte e até hoje não foi devolvida pelos proprietários do Shopping Vitória. Após ter sido criada como uma das vias de acesso à ilha, a Prefeitura de Vitória chegou a asfaltar e urbanizar a via, mas o serviço foi totalmente destruído. O Governo do Estado ficou de recuperar a rua após a conclusão da ponte, mas isto até hoje não aconteceu.

A partir de 91, os proprietários do Shopping Vitória propuseram uma outra forma de acesso ao bairro, não mais pela Rua Marília Scarton Coutinho, mas por uma via interna ao empreendimento, em fase de conclusão de suas instalações. Esta rua não seria exclusiva dos moradores do bairro.

Os moradores da Ilha do Boi lutam para preservar o bairro com suas características residenciais, isolado da agitação de casas comerciais e do barulho do trânsito, bares e show de música ao vivo. "Não queremos que a Ilha se transforme numa Praia do Canto", afirma a presidenta da Associação de Moradores, Heloísa Arantes. O bairro não tem uma padaria e nem uma banca para se comprar o jornal, tudo por opção. Aliás este é um dos charmes da Ilha. Morar ali, vizinho ao único hotel cinco estrelas do Espírito Santo, o Senac, é um sinal de status.

A Ilha do Boi era uma área pertencente ao Governo do Estado e, na Segunda Guerra Mundial, foi cedida ao Exército em regime de comodato até fins da década de 60. Quando o Governo constituiu a Comdusa, ele integralizou o capital com os terrenos da Ilha do Boi. A única exceção foram os 16 mil metros quadrados que o Estado doou, com autorização da Assembléia Legislativa, ao Clube Ítalo Brasileiro.



Fonseca: mato e futebol

Nos anos 70 os aterros feitos na Enseada do Suá ligaram o bairro à ilha.

A mais antiga moradora do bairro, Norca Tamanini, mudou-se da Ilha do Boi. Mas Maurício Fonseca Corvino, residente desde 1977 lá, conta que o lugar era praticamente deserto quando se mudou. "Só havia três casas",

lembra, ao dizer que o Hotel Senac — com 78 apartamentos e quatro suítes, inaugurado em 1979 — e o Clube Ítalo, não estavam prontos.

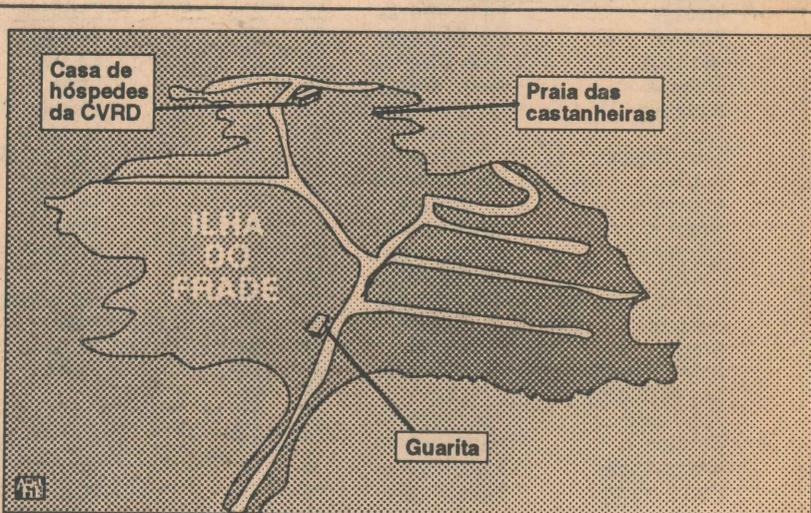
Maurício Corvino afirma que era frequentemente um grupo de homens visitar o bairro para jogar futebol a bordo de um caminhão. "Havia muito mato", recorda-se. A entrada do bairro era feita sobre o quebra-mar, construído para conter o aterro da Enseada do Suá. "Era a única entrada para a ilha". O atual acesso começou a funcionar no início dos anos 80.

Uma preocupação dos moradores é com o tratamento do esgoto do bairro. Os mais antigos da Ilha disseram que no projeto inicial do bairro havia um projeto nesta área. Os detritos das residências seriam interligados por manilhas até a Enseada do Suá, onde uma estação de tratamento funcionaria na chamada Ilha do Sururu. Esta idéia nunca saiu do papel. Os ônibus velhos colocados para servir o bairro também geram queixas dos moradores.

Vale do Rio Doce as pilhas de carvão, minério e pelotas são, simultaneamente, molhadas, para evitar o levantamento de poeira.

Ele explicou que na sexta-feira última "a CVRD inaugurou, inclusive, dois precipitadores eletrostáticos, filtros com altíssima eficiência nas chaminés". Sem estes filtros o nível estava a 2.000 miligramas de poeira por normal de metro cúbico de gases lançados no ar. "Com a instalação este número reduzirá entre 50 a 100 miligramas de poeira", garante, destacando que a ação só surtirá efeito dentro de aproximadamente dois meses. Santolin ressaltou ainda que das seis usinas de pelletização da CVRD duas estão funcionando, faltando apenas uma para ter instalado o filtro, o que deverá ocorrer até o final do ano.

Quanto à CST, que assinou inclusive um termo de compromisso junto à Seama, anteriormente, ela está inadimplente em dois itens. "A substituição das 147 portas da coqueria e a desulfuração do gás da coqueria, que vem eliminando gases com o vento para a região da Grande Vitória.

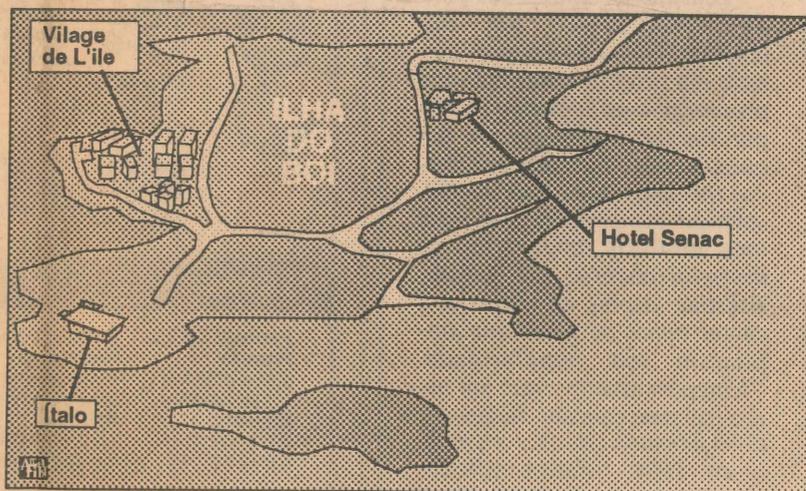


Ilha do Frade

Área: 376.000 metros quadrados.

População: 305 habitantes.

Não há nenhum estabelecimento comercial no local. Os moradores contam com uma guarita da Polícia Militar na entrada do bairro. Não há linha de ônibus que passe pela Ilha e ponto mais próximo fica a aproximadamente 300 metros.



Ilha do Boi

Área: 396.200 metros quadrados.

População: 1.140 habitantes.

Segundo a Prefeitura de Vitória, os moradores da Ilha rejeitaram até a proposta de instalar uma padaria no bairro. Além de residências, há apenas um clube, o Ítalo, e o único hotel cinco estrelas da capital, o Senac.

■ "A poluição da CST e da Vale do Rio Doce exige um trabalho de limpeza mais constante nas nossas casas. As varandas são os principais alvos, além das piscinas, o que exige um grande desembolso dos moradores, com a manutenção permanente". Carlos Lessa, morador.

■ "A bomba da Cesan que fica na Ilha do Frade faz muito barulho quando não há água, pois ela trabalha a seco. Isso acontece em média duas vezes por semana e estremece a casa que fica próxima. À noite não se consegue dormir devido ao barulho. O ideal seria colocar a bomba em outro local". Manoel Fraga.

Comunidade critica obra da CVRD

A casa de hóspedes que a Companhia Vale do Rio Doce começou a construir na Ilha do Frade, e abandonou, é sinônimo de desperdício de dinheiro público, segundo os moradores. O terreno onde está o antigo projeto da Vale tem 17.740 metros quadrados. A obra foi iniciada em 1976 e paralisada por duas vezes, em 78 e 82. Com o crescimento da rede hoteleira em Vitória, a Companhia acabou desistindo do projeto.

Para quem teve a oportunidade de analisar o projeto ainda no papel, como foi o caso do então ime-

diato da Capitania dos Portos, Victor Padilha, hoje aposentado, a obra era "realmente faraônica". "O teto da cozinha, por exemplo, seria todo de inox". Estavam previstos ainda três suítes luxuosas e 10 apartamentos comuns. "Gastou-se dinheiro do contribuinte para nada, pois hoje a casa de hóspedes está se deteriorando". A Vale deverá gastar, calcula Padilha, cerca de US\$ 1 milhão se quiser concluir o projeto.

O ex-governador Max Mauro chegou a propor à CVRD que repassasse o imóvel para o Estado,

No local seria instalada alguma obra de cunho social, como hospital ou asilo de velhos. O projeto não vingou, ou foi esquecido. O certo é que a construção da casa de hóspedes está paralisada há 10 anos.

■ A Companhia Vale do Rio Doce informou que a obra de sua casa de hóspedes já foi negociada com o Centro de Pesquisas Marinhas e será aproveitada como uma fundação de estudos. A fundação contaria com a participação de entidades como Ufes e Seama.



A construção da Vale faz fundo para a beleza da Praia das Castanheiras